

# Direção improvisa para manter atendimento

*Faltam recursos e pré-natal para mulheres que vivem em área de alta mortalidade infantil*

**MOISÉS RABINOVICI**

Enviado especial

**B**OA VISTA — A vida ganhou da morte no Hospital Materno-Infantil Nossa Senhora de Nazaré. O choro de Eduardo, nascido ontem às 11h26, com 2,9 quilos, marcou a vitória, depois de 34 derrotas em 28 dias, a maioria atribuída à infecção hospitalar. Vitória não foi nascer e sobreviver, mas a abertura do “proibido” centro cirúrgico à imprensa, pela primeira vez, para acabar com o pânico das 600 parturientes mensais da única maternidade pública de Roraima.

“Mais compressas”, pediu o obstetra

Alceste Almeida, abrindo com bisturi o abdome de Cyla Araújo. “Foco”, reclamou, e uma enfermeira levantou mais os focos de luz. Fora da maternidade, onde entram só as pacientes, com guardas particulares barrando os futuros pais nas portas mantidas apenas entreabertas, reina a aflição. Um peruano ameaça retirar “no grito” a mulher que abortou na sexta-feira. O soldado Augusto Alvéz espera que sua primeira filha ainda sem nome, com três dias, seja reexaminada por um pediatra: está com o pescoço roxo, e roxidão tem sido a cor que antecipa a morte nos bebês de Boa Vista.

Com o governador Neudo Ribeiro Campos (PTB) e outros três deputados, o obstetra-deputado federal Alceste Almeida (PPB-RR) foi pedir socorro ao ministro da Saúde, Adib Jatene, há quatro meses. O estado de calamidade pública tinha sido decre-

tado em Boa Vista, inundada por chuvas. “Caminhávamos pelos corredores da maternidade com guarda-chuva”, lembra. “A água e micróbios chegaram ao berçário.” O telhado foi coberto com lona para tampar goteiras. Esgotos afluíram. Deu pane na máquina da lavanderia. A água sanitária usada não tinha a fórmula do anti-séptico eficaz.

“Foi uma soma de fatores”, conclui o médico Alceste, que está na terceira cesária às 11 horas. Começou a manhã com um parto normal. A mãe, Regina, saiu do centro cirúrgico numa cadeira de rodas, chorando de emoção. “Vai chamar Ema”, repetia. Deitada para a cesariana, Cyla, de 26 anos, já mãe de

dois filhos, diz que “confia em Deus” e “nas mãos do doutor”. Há quatro anos ele a salvou de uma malária complicada por hepatite. Com uma ressalva: “Não era político.” Ele o diz agora para “não misturar” os 14 anos dedicados à Nossa Senhora de Nazaré a qualquer interesse eleitoral.

A gineco-obstetra Francinéia Moura está de “castigo” desde sexta-feira, quando foi nomeada a nova diretora da maternidade. O melhor aval que ela poderia dar às futuras mães assustadas

com a sequência de 34 bebês mortos em Boa Vista são seus filhos. “Os três nasceram aqui”, ela diz. “Acidentes acontecem até com presidentes”, argumenta. “Nem todas as mortes fo-

ram causadas por infecção hospitalar.” Pelo menos 12 tiveram outras causas. A conta será feita com o resultado dos exames encomendados à Fiocruz, no Rio.

Sob a direção da médica Francinéia, a maternidade enterrou uma fossa num dos pátios, retomou para encerrar as obras de uma fossa biológica, esfregou até as paredes dos corredores com água sanitária, detizou e desinfetou todas as áreas, providenciou mais roupas para as equipes médicas e proclamou uma inédita transparência, convidando a equipe do Estado a entrar até mesmo no centro cirúrgico. Faltam médicos, anestesiistas e exames pré-natal em mulheres que vivem numa área castigada por sífilis, toxoplasmose, malária, tuberculose, dengue e Aids, com uma mortalidade infantil de 36,60 a cada mil crianças. “Fica difícil trabalhar assim”, ela diz.

**H**OSPITAL FOI  
INUNDADO POR  
CHUVAS HÁ  
QUATRO MESES